



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10350 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

FINS DE MUNDO E CINEMA: PROLIFERAÇÕES APOCALÍPTICAS COM BRUNO LATOUR

Ana Paula Valle Pereira - UFF - Universidade Federal Fluminense

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

FINS DE MUNDO E CINEMA: PROLIFERAÇÕES APOCALÍPTICAS COM BRUNO LATOUR

Resumo: O texto busca refletir sobre o que pode ser pluralizar os fins de mundos partindo de uma discussão sobre a noção de apocalipse instigada pelo livro *Diante de Gaia* de Bruno Latour. Entendendo os acontecimentos do colapso ambiental como diversos fins de mundo que aconteceram, estão em curso e se sucederão no futuro, pretendo discutir essas questões com o filme *Indomável sonhadora* (2012). Este filme estadunidense de ficção trata da história de moradores de uma ilha que, por conta das mudanças climáticas, passaram por um fim de mundo e vivem a iminência de outro devido a uma tormenta. Ao lançar olhares para o filme, refleti sobre o que pode ser permanecer no fim dos tempos ao assumir o apocalipse agora e suas articulações com uma possível educação ambiental no/do/com os fins de mundo.

Palavras-chave: fim de mundo; cinema; colapso ambiental.

Pluralizar fins de mundo

A falta de sinais estrondosos e visíveis não é prova bastante da continuação. Muitas vezes o mundo acaba em silêncio, ou fazendo um barulho leve de folha. (*fim do mundo*, Carlos Drummond de Andrade) [\[1\]](#)

Quando pensamos no fim do mundo, podemos remeter a uma ideia apocalíptica unívoca, como a explosão de uma bomba nuclear, um meteoro que pode ceifar a vida na Terra ou algum outro evento em larga escala. Um fim do mundo no singular. Entretanto, a reflexão que busco explorar é pensar nos diversos eventos de fins de mundo que aconteceram, estão acontecendo e que se sucederão no futuro. A chegada de europeus nas Américas a cinco séculos atrás e até a atual pandemia da Covid-19 nos explicitam os fins como plurais: o

mundo dos povos originários antes da colonização chegara ao fim a partir deste contato e o mundo que conhecemos antes da pandemia também chegou a seu fim no ano de 2020. Neste sentido, a epígrafe que inicia o texto busca aproximar essa noção de fins de mundo no plural para a discussão. No conto de Carlos Drummond de Andrade, os fins de mundo são acontecimentos históricos, mas cotidianos porque mundos morrem e nascem concomitantemente; como o mundo dos povos originários no contato com os colonizadores, os fins de mundos dos répteis, dos egípcios, dos gregos. Para o escritor, a história é um cemitério de mundos em que seus fins nos passaram despercebidos.

Este resumo é desenvolvido a partir das discussões tecidas em uma pesquisa de mestrado em Educação que tem olhado para os fins de mundo cinematográficos e os seus possíveis entrelaçamentos com a proposição cosmopolítica de Stengers (2018). Além dessa autora, a pesquisa também se ancora na obra de Bruno Latour, que vem ajudando a proliferar reflexões sobre os fins de mundo e suas repercussões na educação ambiental. Dessa maneira, o objetivo deste texto é refletir sobre fins de mundo plurais, a partir de uma discussão sobre a noção de apocalipse instigada tanto pela leitura do livro *Diante de Gaia* (LATOURE, 2020) quanto por questões que emergem do filme *Indomável sonhadora* (2012), que compõe o *corpus* desse estudo. Este filme, uma ficção produzida nos Estados Unidos, dirigida por Benh Zeitlin, nos apresenta uma comunidade de moradores de uma ilha, que vivem a iminência do fim de seu mundo, já que o lugar em que vivem está corre o risco de alagar e desaparecer a qualquer momento devido às mudanças climáticas. Estas que proliferam sentidos que incidem em nossa sociedade e cultura, como cita Danowski,

Parece-me que um dos primeiros efeitos do Antropoceno, além evidentemente dos eventos climáticos extremos que já são visíveis por todo o globo terrestre, é, na “cultura ocidental”, que *ninguém sabe realmente o que fazer*, o que pensar, o que comer ou *não* comer, onde pisar ou *não* pisar, como reocupar os espaços, como resistir, como fazer política, o que é a política (os que o sabem com muita segurança, eu diria que há uma grande probabilidade de estarem iludidos). De repente, todos os nossos conceitos, sobretudo aqueles mais caros às ciências humanas e sociais, parecem ter entrado em uma *zona problemática*. (DANOWSKI, 2019, p. 85, grifos da autora)

Somos interpelados pelo Antropoceno, pelas mudanças climáticas, pelo colapso ecológico, pela força destrutiva da presença humana na história geológica da Terra que pode incidir em efeitos irreversíveis ao planeta, o que nos “parece apontar para a conclusão de que a humanidade ela própria é uma catástrofe, um evento súbito e devastador na história do planeta, e que desaparecerá muito mais rapidamente que as mudanças que terá suscitado no regime termodinâmico e no equilíbrio biológico da Terra” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 31). Desta forma, interrogada pelas mudanças climáticas, é importante discutir com uma noção de catástrofe e de apocalipse.

Apocalipse now?

O fim do mundo é um assunto que faz proliferar discursos nos mais variados âmbitos: na cultura, em nossas aflições pessoais e com mais força no ambientalismo e na educação

ambiental. Principalmente na proliferação de discursos que assumem a educação ambiental como a salvadora do mundo: uma forma de conter o apocalipse. É neste sentido que Garré e Henning (2017), olhando para capas de revista da mídia impressa, argumentam que, “por meio do apelo apocalíptico, vamos nos constituindo como sujeitos que precisam preservar o meio em que vivem, respeitar os recursos naturais e as leis da *natureza*, pois, caso contrário, acertaremos as contas no futuro” (GARRÉ; HENNING, 2017, p. 5, grifo das autoras). Na tentativa de distanciar-me de discursos alarmistas, pergunto: como pensar então uma educação ambiental outra que não seja uma “educação ambiental apocalíptica”? Quem sabe ativando uma educação ambiental no/do/para/com os fins de mundo? Estas perguntas perpassam uma discussão sobre os fins de mundo e a própria noção de apocalipse. Ao pensar em uma educação ambiental apocalíptica me refiro a práticas e discursos que são guiados predominantemente pela intenção de suscitar o medo. Considero que muitos enunciados sobre o meio ambiente ativam uma política do medo que contribui para nossa sensação de impotência, porque estes enunciados “referem-se muito mais a uma política da periculosidade do que a uma verdadeira *consciência de crise ambiental*, como pregam os amantes da natureza” (GARRÉ; HENNING, 2017, p. 5, grifo das autoras).

Entre vários aspectos, é por conta desta política de destruição que muitos discursos sobre as questões ambientais assumem um lugar do pessimismo: pensemos, por exemplo, nas imagens angustiantes de animais em apuros, dentre outras que povoam as mídias e o imaginário das pessoas. Um pessimismo que paralisa quando deveria fazer pensar, que se articula com o que Latour denomina *desinibição* quanto à questão ambiental. Para ele, a origem da insensibilidade com relação à problemas ambientais não é algo novo: ele cita o historiador Jean-Baptiste Fressoz, que propôs chamar de *desinibição* uma atitude que é observada desde o século XVIII, na qual cada vez que um alerta soasse – para os perigos de alguma ação ou produto industrial, algum desenvolvimento científico ou ocupação de terra colonial – “a decisão tomada, de modo mais ou menos subterrâneo mas sempre explícito, foi seguir adiante, a apesar de tudo” (LATOURE, 2020, p. 302). Latour salienta como “reagimos em bloco diante do menor atentado terrorista, mas saber que somos o agente da sexta extinção das espécies terrestres não desperta nada mais do que um bocejo desalentado” (2020, p. 301).

Latour complementa dizendo que “não é que não houvesse alerta; nem que os alarmes tenham sido furiosamente desconectados; não, as sirenes apitam com toda a força, mas, apesar disso, decidimos, virilmente, que não nos deixaremos *inibir* pelos perigos” (LATOURE, 2020, p. 303, grifo do autor). As imagens catastróficas e as notícias sobre degradação ambiental constituem alguns destes alarmes que soam com toda a força (há bastante tempo) e que são ouvidos por todos, mas aparentemente ignorados. Ou são lamentados naquele momento específico e logo depois esquecidos. Para pensar neste apelo apocalíptico da educação ambiental, busco refletir a partir da forma como Latour (2020) aborda a própria noção de apocalipse. Ele afirma que, “assim que falamos sobre as mutações ecológicas com certa seriedade, sem sequer levantar a voz, somos imediatamente acusados de sustentar um ‘discurso apocalíptico’ ou, numa versão mais atenuada, um ‘discurso catastrofista’” (p. 305). Para Latour, “enquanto o tema do apocalipse veio do sentimento da Presença da qual as pessoas não deviam se separar, ela se tornou a Ausência que os Modernos impuseram ao resto do mundo – e agora, por um retorno inesperado, a si mesmos” (2020, p. 323). Neste sentido, o autor argumenta que não há

Nenhuma dúvida quanto a isso: para todas as civilizações, o Ocidente caiu sobre elas como um Apocalipse que pôs fim à sua existência. Acreditando sermos os portadores da salvação, nós nos tornamos o apocalipse para os outros. Compreendem por que é preciso desconfiar daqueles que acusam o discurso ecológico de ser apocalíptico com muita frequência? Ao

contrário, são eles que, ao recusarem continuar a viver no tempo do fim, impuseram a todas as outras civilizações um fim violento. Joseph Conrad e Francis Coppola têm razão: não devemos dizer “*Apocalypse yesterday*”, mas sempre *Apocalypse now*. (LATOURE, 2020, p. 323-324, grifos do autor)

Como podemos ver, Latour defende que devemos mudar a perspectiva e estar no *apocalipse agora*, pois “para nos tornarmos sensíveis, ou seja, nos sentirmos responsáveis e, assim, fazermos um retorno sobre nossa própria ação, devemos, por um conjunto de operações completamente artificiais, nos posicionar *como se estivéssemos* no Fim dos Tempos” (LATOURE, 2020, p. 334, grifo do autor). Ele defende que é preciso fazer uma réplica para aqueles que acusam os ambientalistas de um discurso apocalíptico e perguntar: “E vocês, se situam antes, durante ou depois do Apocalipse?” (p. 341). Em que ele complementa “só estou interessado em vocês se situarem *durante* o tempo do fim, porque então sabem que não escaparão ao tempo que passa. Permaneçam no tempo do fim, está tudo aí” (p. 341).

Permanecer no fim dos tempos

Em uma tentativa de pensar uma educação ambiental que então assuma os fins de mundo não como um apocalipse unívoco porvir e temerário, mas que lance olhares para os diversos fins que já aconteceram ou estão em vias de acontecer, busco lançar um olhar para o filme *Indomável sonhadora* (2012). A Banheira, ilha onde se passa o filme, fica ao sul de um dique que separa porções de terras ao norte das porções ao sul (figura 1). Em diversos momentos do filme, os personagens falam sobre uma inundação que acontecerá devido a uma tormenta. Com a iminência do fim de seu mundo, sobreviver a cada dia é imperativo para os moradores da Banheira. O título em português *Indomável sonhadora* talvez busque suavizar a dureza da realidade no filme. Não há sonhos e nem espaço para se sentir sonhador. O que existe é uma luta diária pela sobrevivência. O diretor do filme vem realizando trabalhos em Nova Orleans desde o Furacão Katrina, em 2005, e se inspirou na realidade testemunhada por ele após a tragédia para a realização do filme. Por conta das mudanças climáticas, os personagens do filme vivem *durante* o tempo do fim, pois já passaram por um fim – que os isolou e os separou do continente – e vivem na iminência de um próximo – e talvez inexorável – fim de mundo.



Figura 1: Mapa da Banheira sinalizando sua localização ao sul do dique (*levee* em inglês) – Captura do filme

Como nos posicionamos frente ao fim dos tempos? Viver durante o tempo do fim para os moradores da Banheira inscreve práticas que extrapolam as dicotomias humano e natureza e humano e não humano. Para eles é inimaginável uma separação entre humanos e animais; eles a todo tempo se descrevem e se entendem como animais, tanto partilhando espaços, gestos e a necessidade de sobreviver com cachorros, porcos, gatos, galinhas, entre outros que aparecem no filme. Esta relação se manifesta muito fortemente na escola da comunidade e no que chamo de currículo da escola da Banheira. Escola que significa algumas crianças e uma professora em uma embarcação que às vezes se faz de sala de aula (figura 2).



Figura 2: A professora, a aluna e a escola da Banheira - Captura do filme

Há uma cena em que a professora ensina sobre os diversos tipos de animais e o que nos une: sermos todos feitos de carne. A professora relembra as crianças que somos carne e que um animal maior que nós sabemos bem disso e, por esse motivo, para ele, nós não passamos de presas. Esta interessante explicação se distancia da forma como aprendemos na escola: em que não há a inclusão dos humanos nas cadeias alimentares. Como se não integrássemos estas relações alimentares e retirando-nos da ecologia.

No filme, as crianças saem da aula e seguem para suas casas todos os dias com a iminência da tormenta e a interação pujante com os animais não humanos no seu cotidiano. Caminham assim pelos dias vivendo no tempo do fim e se preparando para a catástrofe por vir. Para Latour, “devemos primeiro abrir de mão da esperança – que nos projeta *do* presente *para* o futuro – para que possamos retornar sobre nós – reorientando-nos por alguma representação potente *do* futuro virtual *para* transformar o presente” (2020, p. 342, grifos do autor). De certa forma, pensar uma educação ambiental no/do/para os fins de mundo suscita aproximações a uma educação sobre/para/com as mudanças climáticas que deve permanecer no presente. Esta articulação entre uma possível educação ambiental no/do/para os fins de mundo, a da noção de apocalipse para Latour e uma discussão sobre se posicionar no tempo do fim nos parece necessária “se quisermos enfrentar a ameaça deixando de jogar com conciliações, com aqueles dogmas do apaziguamento que sempre adiam, de novo e de novo, o momento de fincar os pés no campo de guerra enquanto há tempo” (2020, p. 342). Finalizo deixando ressoar as palavras de Latour: “*o apocalipse é um apelo para as pessoas serem enfim racionais, para terem os pés no chão*” (2020, p. 342, grifos do autor).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANOWSKI, D. Mundos sob os fins que vêm. In: DIAS, S; WIEDEMANN, S; AMORIM, A. **Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e...** Campinas, SP: ALB/ClimaCom, 2019.

DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. 2ª ed. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental. 184p. 2017.

GARRÉ, B; HENNING, P. Discurso da crise ambiental na mídia impressa. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n.33. e138587. 2017.

LATOUR, B. **Diante de Gaia:** oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu Editora/Ateliê de Humanidades Editorial. 480 p. 2020.

STENGERS, I. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

[1] Conto *fim de mundo* do livro *A bolsa e a vida* publicado pela Companhia das Letras em 2012.